



Recortes de Imprensa

Abril 2015



COM O APOIO:



RUNning

01-04-2015

Tiragem: 30000**País:** Portugal**Period.:** Bimestral**Âmbito:** Desporto e Veículos**Pág:** 23**Cores:** Preto e Branco**Área:** 4,61 x 4,20 cm²**Corte:** 1 de 1**DAR VOZ AO SILÊNCIO**

No ano em que Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) celebra 25 anos de actividade, a solidariedade e o combate à exclusão ganharam pernas de aço. Organizada em parceria com o Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna (ISCPSI), a 12.ª Corrida de Solidariedade ISCP/ISPSI/APAV aconteceu a 29 de Março, em Lisboa. Além da prova de 10 km, centenas de pessoas participaram na Marcha das Famílias.



Homem agride mulher e filho em Aires

Mais um caso de violência doméstica a somar a muitos outros pelo país fora e também no concelho de Palmela. Uma mulher com cerca de 45 anos e o filho, ainda menor de idade, foram violentamente agredidos pelo marido e pai, há cerca de duas semanas.

O caso aconteceu em Aires, uma localidade pacífica e calma. Ao que conseguimos apurar, esta não foi a primeira vez que a mulher foi agredida pelo marido. Desta vez, mãe e filho tiveram de receber tratamento no Hospital de S. Bernardo. O caso foi de imediato entregue às autoridades, tendo o processo sido encaminhado para

o Tribunal de Setúbal.

O agressor, com cerca de 50 anos, depois de ter sido ouvido em primeiro inquérito, ficou a aguardar julgamento em prisão preventiva, dada a gravidade das agressões perpetradas sobre as vítimas.

Recorde-se que em 2014, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um aumento de cerca de 4% no número de crimes. De acordo com os dados divulgados no seu relatório anual, o distrito de Setúbal é o quarto distrito do país onde o número de casos de violência doméstica aumentou, registando 735 atendimentos, sendo antecedido pelos distritos de Lisboa, Porto e Faro.



Violências crescem

Todas as semanas, 16 idosos e 19 crianças são vítimas de crime em Portugal, afirma a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que em 2014 registou um aumento das violências exercidas contra aquelas populações em 10,1 e 2 por cento, respectivamente.

Entre as vítimas que recorreram à APAV o ano passado, a esmagadora maioria (82,3 por cento) são mulheres. Em média, a Associação atende diariamente 130 mulheres e 21 homens.

Os casos de violência doméstica (78,4 por cento dos crimes) são os que registam um maior crescimento entre 2014 e 2013 (12,4 por cento). Em mais de 70 por cento dos casos, a violência é recorrente.

APAV prestou apoio a 42 de violência no distrito da

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) contabilizou, no ano passado, 42 casos de violência no distrito da Guarda. Os dados constam do relatório anual daquela associação, através do qual se constata que houve em 2014 um aumento do número de processos e de crimes relativamente a 2013. No ano passado a APAV prestou apoio a um total de 8 889 vítimas, ainda que tenham sido registados 12 379 processos, que inclui apoio a familiares. As estatísticas evidenciam ainda que houve um aumento do número de casos de agressões contra pessoas idosas, na ordem dos 10 por cento, e contra jovens e crianças, na ordem dos dois por cento relativamente ao ano de 2013. Nesse ano, a APAV tinha registado 774 agressões contra idosos e 974 contra crianças e idosos. Em 2014 foram assinalados 852 agressões a pessoas idosas e 992 casos de violência contra crianças e jovens. Em média, todas as semanas, 16 idosos e 19 crianças são vítimas deste crime em Portugal. A maioria das vítimas que recorrem ao apoio da APAV continuam a ser mulheres (6 774), mas também houve registo de 1 074 homens.

Os casos registados no distrito da Guarda, representam 0,5 por cento do total registado em todo o país. Com menos casos do que a Guarda surgem ainda seis distritos: Viana do Castelo (41), Castelo Branco (35), Bragança (32), Portalegre (27), Beja (24) e a região autónoma da Madeira (23). As grandes zonas urbanas concentram o maior número de vítimas que recorrem aos serviços da APAV, «sendo a maioria destas, como em anos anteriores de nacionalidade europeia», lê-se no relatório. Os distritos de Lisboa (1988), Porto (1044) e Faro (832) foram os que

Distrito de residência	N	%
Aveiro	221	2,5
Beja	24	0,3
Braga	404	4,5
Bragança	32	0,4
Castelo Branco	35	0,4
Coimbra	262	2,9
Évora	51	0,6
Faro	832	9,4
Guarda	42	0,5
Leiria	134	1,5
Lisboa	1988	22,4
Portalegre	27	0,3
Porto	1044	11,7
Região Autónoma Açores	409	4,6
Região Autónoma Madeira	23	0,3
Santarém	344	3,9
Setúbal	735	8,3
Viana do Castelo	41	0,5
Vila Real	287	3,2
Viseu	122	1,4
Ns/nr	1832	20,6
Total	8889	100

Estatísticas da APAV - Relatório Anual de 2014

registaram maior número de casos.

A APAV dispõe de várias unidades orgânicas do país e colabora com diversas entidades. De acordo com os dados, todas as semanas, em média, 130 mulheres e 21 homens recorrem aos serviços da associação. No cômputo geral, a APAV registou, em 2014, 12.379 processos de apoio com atendimentos, a maioria de violência doméstica. Em termos comparativos, de 2013 para 2014 existe um aumento do número de processos com atendimentos (quase 5 por cento) e do número de cri-

mes (4,4 por cento). A APAV acompanhou 8.889 vítimas directas que foram alvo de 21.541 crimes e ou de outros actos violentos. Dos 12.379 processos, 91,9 por cento tiveram o seu primeiro atendimento em 2014, existindo 8 por cento de casos que transitaram de anos anteriores devido à complexidade das situações apresentadas.

Do total dos crimes registados pela APAV, «claramente que os crimes contra as pessoas, particularmente no que diz respeito à violência doméstica (maus tratos violentos

Crime de violência doméstica registou, em 2014, mais 31 casos

A violência doméstica contra cônjuge ou análogo registou, em 2014, mais 31 casos participados do que no ano anterior, ou seja, mais 0,1 por cento. De acordo com os primeiros dados do Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) revelados Segunda-feira, o ano passado houve 22 959 participações daquele tipo de crime, mais 31 casos do que em 2013.

O número de crimes registados pelas autoridades policiais em 2014 baixou 6,7% face a 2013, para um total de 351.311, com os crimes contra o património a representarem mais de metade das ofensas, segundo estatísticas do Ministério da Justiça. «Em 2014 o número de crimes registados pela Polícia Judiciária, Polícia de Segurança Pública e Guarda Nacional Republicana foi de 343.768. Para além dos três órgãos de polícia criminal atrás referidos, foram ainda registados 7.543 crimes pelas restantes autoridades policiais. No total de 351.311 crimes registados, destacaram-se os crimes contra o património que representaram 54,7% do total (192.135 crimes)», lê-se numa nota de informação estatística divulgada pelos serviços do Ministério da Justiça.

Segundo a mesma informação, na contabilização por tipo de crime, a segunda maior percentagem pertence aos crimes contra as pessoas, com 23,7% do total, ou seja, 83.207 crimes registados. Na comparação com 2013, o total do número de crimes baixou dos 376.336 para os 351.311, o que equivale a uma redução percentual de 6,7%. Já em 2013 o total de crimes registados representava uma diminuição de 28.477 actos criminosos em comparação com 2012. Os crimes contra o Estado representaram 1,7% dos actos registados em 2014.

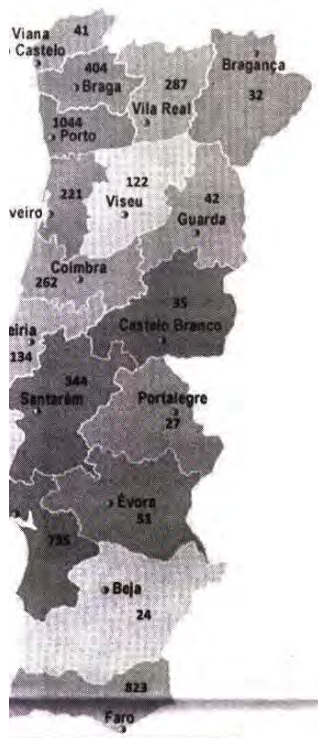
Os crimes de furto em veículo motorizado (27.894), as ofensas à integridade física voluntária simples (24.327), a violência doméstica contra cônjuges ou análogos (22.965), a condução de veículo com taxa de álcool igual ou superior a 1,2g/litro (20.752), e o furto em residência com arrombamento, escalamento ou chaves falsas (19.312) são as cinco categorias com mais crimes registados. O furto de metais não preciosos (8.451) e condução sem habilitação legal (9.767) estão entre os crimes com menos registos no ano passado.

As estatísticas relativas a 2014 têm por base o total de crimes registados pela Polícia Judiciária, Polícia de Segurança Pública, Guarda Nacional Republicana, Autoridade de Segurança Alimentar e Económica, Direcções Distritais de Finanças, Direcção-Geral das Alfândegas e dos Impostos Especiais sobre o Consumo, Polícia Marítima, Polícia Judiciária Militar e Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.



vítimas Guarda

DR



psíquicos) sobressaem face aos restantes com 78,4 por cento do total de crimes».

Dos utentes que reportaram crimes à APAV, em 2014, 82,3 por cento eram mulheres com idades entre os 25 e os 54 anos (37,1 por cento). Relativamente à escolaridade, os níveis de ensino superior (7,6 por cento) e o nível de ensino básico do 3º ciclo (4,8 por cento) destacaram-se face aos restantes.

Já no que diz respeito à principal actividade económica, 29,6 por cento dos utentes encontravam-se empregados e 19,4 por cento desempregados. As vítimas de crime que usufruíram dos serviços da APAV eram maioritariamente casadas (32,8 por cento) ou solteiras (22,7 por cento) e pertenciam sobretudo, a um tipo de família nuclear com filhos em 39,4 por cento dos casos. Em mais de 70 por cento dos casos assinalados a vitimação ocorrida foi de tipo continuado. A duração deste tipo de vitimação continuada acontece, sobretudo, num espaço temporal entre os dois e os seis anos (19 por cento). Segundo a APAV, o principal local do crime assinalado foi a residência comum (entre vítima e autor do crime) com 52,6 por cento das sinalizações.

A Associação registou 9.152 autores de crime em 2014, mais de 80 por cento eram homens, com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (30 por cento), 35,6 por cento eram casados e em 31,7 por cento dos casos tinham uma actividade profissional regular.



Gouveia

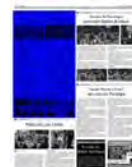
Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância

No mês de Abril, a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens - CPCJ de Gouveia associa-se, pela primeira, vez à campanha de sensibilização "Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância", uma iniciativa da CPCJ Nacional, da Associação de Mulheres Contra a Violência e da Câmara Municipal de Lisboa que, desde 2008, promovem um conjunto de actividades dirigidas a toda a comunidade, alertando-a para a responsabilidade social na protecção deste grupo etário. Esta campanha de sensibilização tem como prioridade fundamental a consciencialização das famílias e de toda a comunidade para a importância da prevenção dos maus-tratos na infância, contribuindo ainda para a educação da necessidade de um maior fortalecimento dos laços familiares, no sentido de uma parentalidade mais positiva.

Ao longo do mês de Abril serão desenvolvidas várias actividades em Gouveia. No dia 1 de Abril teve lugar a colocação do Laço Azul, símbolo do Mês da Prevenção dos Maus-tratos na Infância, nos edifícios públicos (Câmara Municipal, Segurança Social, Centro de Saúde, GNR, PSP, Igrejas, Juntas de Freguesia, Associações /IPSS e Escolas do Concelho). No dia 8 de Abril será feita a apresentação do livro "As aventuras do Joãozinho na Terra dos Direitos", elaborado em parceria entre a CPCJ de Gouveia, a Câmara Municipal de Gouveia - Biblioteca Vergílio Ferreira e os Jardins-de-Infância do Agrupamento de Escolas de Gouveia. Esta apresentação contará com as presenças do presidente da Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco, Armando Leandro e do presidente da Câ-

mara Municipal de Gouveia, Luís Tadeu.

No dia 13 de Abril decorrerá a iniciativa "À conversa com... APAV" e será feita a apresentação do manual "crianças e jovens vítimas de violência - compreender, intervir e prevenir". Serão ainda realizadas sessões de esclarecimento nas escolas subordinadas ao tema "Abraçar a Prevenção - Prevenção dos Maus-Tratos Infantis", desenvolvidas pela GNR. Haverá a distribuição do calendário "Todos os dias são dias de afecto", aos alunos do Jardim-de-Infância e 1.º CEB. Está também programada a distribuição de pulseiras alusivas aos alunos do 5.º ao 12.º anos. Serão ainda realizadas sessões de trabalho com os alunos sobre o tema da violência e sua prevenção na disciplina de Educação Moral Religiosa Católica, com a colaboração das Bibliotecas Escolares.



> Portalegre

XIX Jornadas da Comunicação

Jornalismo e Comunicação em debate



> Durante a última semana o jornalismo e a comunicação estiveram em debate na Escola Superior de Portalegre (ESEP) com a realização da 19ª edição das Jornadas da Comunicação, evento organizado exclusivamente pelos alunos do curso de Jornalismo e Comunicação.

Vários profissionais do jornalismo e da comunicação marcaram presença no evento a convite dos alunos para debater questões relacionadas com as duas áreas.

Na sessão de abertura estiveram presentes o presidente do Instituto Politécnico de Portalegre, Joaquim Mourato, o director da ESEP, Luís Cardoso, o director de curso, Luís Bonixe, e a coordenadora do evento, Cláudia Rocha.

No seu discurso Joaquim Mourato falou da importância do evento, sublinhando a sua longevidade que considerou «uma prova de persistência, uma marca do curso, da escola e do IPP».

O responsável vincou ainda a importância do legado do curso, nomeadamente do diplomados afirmando que «são os grandes embaixadores do curso» e aproveitou para lançar o repto para a «criação de um observatório dos profissionais da comunicação formados na ESEP».

Já Luís Cardoso, ressaltou a «singularidade» destas jornadas que se realizam num ano «importante para a escola, que comemora

30 anos, e para o curso que comemora 20 anos».

O director do curso de Jornalismo e Comunicação, Luís Bonixe fala num evento «ímpar a nível nacional», uma vez que é organizado «exclusivamente por alunos».

Este ano o evento contou com a coordenação de Cláudia Rocha, aluna do 2º ano do curso, que à margem da sessão de abertura explicou ao AA que este é um evento muito importante para os alunos «porque é um forma de contactarmos com os profissionais da área». Para a aluna o evento é também importante para a cidade e para escola, uma vez que «divulgamos o trabalho que fazemos, e trazemos figuras importantes a Portalegre».

Entre terça e quinta-feira debateram-se questões como o «ensino do jornalismo e da comunicação em Portugal», «Jornalistas Freelancers vs Jornalistas Efectivos», «Figuras Públicas como objecto de Publicidade», «A nova paisagem televisiva: os canais desportivos», «Relações Públicas vs Promotores de Eventos» e «Estágios de JC nacional vs regional»

O ponto alto da Jornadas da Comunicação foi a entrega dos Tributos de Jornalismo e de Comunicação, que este ano distinguiu, respectivamente, João Pedro Mendonça, jornalista da RTP e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. •





CONVIDADO DA SEMANA



MULHERES



NOA

Artista

Março, o mês das mulheres. Mulheres que se querem relevantes. O mês das mulheres especiais, das que são amadas mas também das que são esquecidas. Das que recebem pequenas frases escritas em pedaços de amor. O mês onde se resgatam vozes femininas e se devolve a sua presença ao centro, no início de tudo, numa tentativa de as aproximar do cânone masculino e até, quem sabe, suplantá-lo. “O segundo sexo” como lhe chamou Simone de Beauvoir. O género por comparação. Mulheres. Ah, as mulheres! Nunca fui feminista. Dói muito, precisar de o ser. Doem-me os dias das mulheres. Doem-me as histórias de punhos fechados e mulheres mortas em nome do amor. Há um esgar azedo que me desconforta neste dia. Aquilo que me aponta a minha condição feminina como um designio negro de morte ainda em vida, num grito aflito de simplesmente ser mulher. Como mulher, não preciso de ser melhor que o homem. Basta-me ser igual. Depois nós fazemos o resto. Esse resto é o que nos distingue socialmente.

Nunca fui feminista.
Dói muito, precisar de
o ser. Doem-me os
dias das mulheres.
Doem-me as histórias
de mulheres mortas
em nome do amor.

É a característica idiossincrática que nos revela. E isso sim, é individual e afasta-se de qualquer paradigma de género. Revisita-se, neste mês de Março, a violência doméstica. Quem já não sofreu ou infligiu violência numa relação? Por gestos, por palavras, por negligência, por desprezo. Violência é violência. Seja de que forma for, seja a mulheres ou a homens ou a animais, no fundo, à Natureza. “Cansada”, música e

letra da autoria de Rodrigo Guedes de Carvalho é o recente hino da APAV e, apesar de a melodia ser lindíssima e me arrepiar mais que uma vez, não o consigo considerar um hino. O próprio título não é auspicioso, mas sim resignado. Este desenrolar da narrativa da rotina de uma vítima, já nós conhecemos. Quando um casal chega a este ponto, já não é de amor que se fala. Nem de quem agride, nem de quem permite e a letra insiste nesta dicotomia. Não há amor lírico numa agressão. Gostaria de ouvir o “depois” do momento em que se está “cansado” e se decide mudar de rumo, dizer “basta!”. Gostava de ouvir um hino de coragem e de esperança num futuro que parece ainda tolhado pelo medo. Gostava de ouvir um hino que desse nova carne a ossos partidos, uma nova saúde a um ego doente, ou que fizesse crer de novo no amor. Porque os homens também precisam de mimo, a violência não é um problema apenas de mulheres. E aqui, não há diferença de paradigma. Somos todos iguais.



Vítimas Apoiados 218 amigos e familiares

● A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima apoiou, em dois anos, 99 familiares e amigos de vítimas de homicídio consumado e 119 de homicídio tentado. São designados como “vítimas ocultas”, porque “sofrem os efeitos” do crime. Contaram-se 1200 atendimentos especializados.



Apoio à vítima

Não ignore a violência... porque pode ser para sempre!

Esta crónica é relacionada com jovens, e serve para alertar que a violência doméstica pode ter um início precoce, no namoro entre os jovens!

A violência é utilizada com o objetivo de controlar a(o) parceira(o), através de atos físicos, verbais, emocionais e sexuais que ameaçam o bem-estar da vítima. O ciúme excessivo não é um sinal de amor mas de possessividade e

controlo, sendo usado como uma justificação para a prática de atos violentos.

Se um(a) amigo(a), aluno(a), filho(a) ou conhecido(a) está a viver uma situação de violência no seu namoro oiça-o(a) atentamente e acredite nela/nele; fale sobre a situação sem emitir opiniões ou críticas; mostre compreensão, preocupação, afeto e apoio; tente transmitir-lhe confiança, pois é difícil romper o si-

lêncio; aconselhe-o(a) a falar com um adulto de confiança; acompanhe-o(a) nos vários passos a dar.

Não minimize esta violência porque é um alerta de risco.

O teste que propomos vai ajudar a esclarecer se foi, é ou conhece alguém vítima de violência no namoro. Aos professores colocamos o desafio de o aplicar aos seus alunos.

Se assinalou pelo menos 4 opções é um sinal



de que está a ser vítima.

O gabinete da APAV em Setúbal pode ajudar.

*escrito ao abrigo do acordo ortográfico

O(A) meu(minha) namorado(a):

- ☐ Perde facilmente o controlo quando está ciumento(a).
- ☐ Quer escolher os meus amigos ou não me deixa ter amigos.
- ☐ Controla os meus movimentos e quer saber sempre onde e com quem estou.
- ☐ Faz-me sentir insegura(o) ou com receio de dar a minha opinião.
- ☐ Ignora as minhas necessidades e os meus desejos.
- ☐ Torna-se violento(a) sem motivo aparente para tal.
- ☐ Quando fica zangado(a) atira e parte objetos, bate nas paredes.
- ☐ Quando fica zangado(a) grita, empurra-me, puxa-me o cabelo ou bate-me.
- ☐ Torna-se muito agressivo(a) quando não quero fazer o que ele(a) quer ou quando discordo dele(a).
- ☐ Humilha, insulta ou ridiculariza-me.
- ☐ Obriga-me a ter relações ou a praticar atos sexuais contra a minha vontade.
- ☐ Culpa-me frequentemente pelas situações de violência.

APAV e Colégio do Castanheiro contra violência no namoro

Um grupo de alunos do Colégio do Castanheiro, em conjunto com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), promoveu na sexta-feira à noite uma campanha original contra a violência no namoro.

Os alunos, acompanhados por professores e técnicas da APAV, estiveram nas Portas do Mar a pedir às pessoas para tirar uma fotografia junto de dois cartazes contra a violência no namoro.

Esta iniciativa foi a conclusão de um projeto realizado, ao longo do ano letivo, que levou os jovens ao tribunal, à Polícia Judiciária e Polícia de Segurança Pública.

Helena Costa, gestora da APAV nos Açores, refere que a violência no namoro "é um problema real, mas está muito escondido. As situações de violência doméstica começam durante a fase do namoro, mas existe uma tendência para perdoar e acreditar que após o casamento as coisas vão mudar".

Os sinais de alerta de violência



LUIS PEDRO SILVA

Jovens do Colégio do Castanheiro em campanha contra a violência no namoro

no namoro são o controlo excessivo, como por exemplo ter acesso às palavras passe de acesso às redes sociais, aceder ao conteúdo do telemóvel e escolher a roupa que a namorada veste para sair à rua.

A professora Helena Silva conta que os alunos "nem acreditavam que existia violência no namoro". Durante o contacto com

a população houve pessoas que "assumiram ser vítimas de violência e não quiseram dar a cara. Isto foi o que marcou mais os nossos alunos".

O aluno João Gouveia considera que a "violência não é o caminho certo e se existir algum problema deve ser resolvido, sem recurso à violência". ♦ LPS

PSP distingue agentes

Oito agentes da esquadra de Ourém da Polícia de Segurança Pública receberam distinções pelo trabalho e carreira naquela força policial. Um dos agentes já se encontra aposentado, um chefe completou 25 anos ao serviço da Polícia, com comportamento exemplar, enquanto que os restantes receberam distinções de anos de serviço policial.

Uma cerimónia que decorreu, pela primeira vez, na actual esquadra e que já há vários anos não decorria em Ourém. Presentes estiveram ainda vários representantes de instituições como Câmara e Assembleia e Tribunal de Ourém.

A cerimónia serviu ainda para uma visita à Sala de atendimento de apoio à vítima, mais aprazível com novo mobiliário infantil, oferecido pela delegação de Santarém da Associação de Apoio à Vítima (APAV). O "Espaço criança" dispõe agora de lápis para fazer desenhos e um pequeno DVD. Possui também uma mesa e bancos pequenos e alguns brinquedos.

"Pertencer à Polícia de



Segurança Pública é algo que deve ser sentido por vós como grandioso", afirmou o subcomissário Leandro Faria aos agentes da esquadra que comanda e que foram distinguidos.

Aos agentes frisou o "orgulho que sinto em poder trabalhar convosco" salientando que a PSP lhes reconhece o trabalho e empenho. "A instituição reconhece-vos como profissionais exemplares e por isso vos atribui distinções", assinala.

Leandro Faria salientou ainda que ser agente da polícia é exercer uma "profissão que

permite o privilégio de servir a causa pública, trabalhar em prol do outro, facto de que nos podemos orgulhar". O subcomissário, a comandar a esquadra ourensense desde 2014, referiu-se ainda aos "desafios que todos os dias somos chamados a superar" e ao "sabor agridoce de, quando no desempenho da nossa missão, deixamos a vida pessoal em segundo plano".

A comandante do Comando distrital de Santarém da Polícia de Segurança Pública, superintendente Paula Peneda, considerou a cerimónia

de entrega de distinções aos agentes um "acto simples mas muito simbólico e com grande significado para a esquadra da PSP de Ourém".

A responsável do comando da PSP de Santarém referiu-se em particular ao flagelo da violência doméstica, um "problema transversal a ocorrer em diversos contextos independentemente de factores económicos, sociais, culturais, éticos". E "embora seja exercida sobre mulheres atinge idosos e crianças e pessoas mais vulneráveis ou com deficiências físicas", realçou Paula Peneda.

25 Anos de serviço com comportamento exemplar

Os 25 anos ao Serviço da Polícia de Segurança Pública de António Lopes foram distinguidos pela comandante distrital da PSP, a superintendente Paula Peneda, que lhe entregou pessoalmente a medalha de "ouro" de 25 anos de serviço com comportamento exemplar.

Há 27 anos e três meses na Polícia e desde o ano 2000 no concelho (veio para Fátima e na sequência do encerramento desta esquadra com transferência para a alçada da GNR, desempenha funções na esquadra de Ourém.

Ao longo da sua carreira, já passou por esquadras em Lisboa, Madeira, Açores, Abrantes, antes de se fixar no concelho. Além de ser graduado de serviço é o responsável pela brigada de Protecção Ambiental, que trata de assuntos relativos ao encaminhamento de veículos em fim de vida, à limpeza de espaços verdes e protecção de pessoas e bens.

O dia foi de festa e de reconhecimento. Não só pelo trabalho desenvolvido ao longo dos dias, da sucessão de dias, mas também pelo comportamento exemplar que

lhe é reconhecido pela medalha grau ouro 25 anos da Polícia de Segurança Pública. Uma insígnia que lhe foi imposta pela comandante distrital do comando de Santarém da PSP, Paula Peneda.

O que significa de facto? "A vida faz-se destes momentos e tem um significado especial quando a medalha é colocada pela comandante do comando de santarém, que é quem me comanda".

É o "reconhecimento máximo", salienta António Lopes. "O que está aqui é o marco. Nunca liguei a medalhas mas esta marcou-me", realça ainda ao Notícias de Ourém. E se no dia-a-dia "não damos grande importância, quando isto acontece, há qualquer coisa que faz sentir toda a viagem que foi a polícia", comenta.

Ainda sem pensar na aposentação, preocupam-no "os trabalhos e as funções, e a saúde para desenvolver a actividade" policial. Uma actuação que é muito diferente do que se fazia há 30, 40 anos atrás, lembra o chefe Lopes.

Nasua carreira, o chefe Lopes participou nas Brigadas especiais que acorriam a bairros de lata, na zona de Lisboa. Situações



perigosas teve algumas, aponta. "aspectos marcantes, foram vários". "Felizmente acidentes nunca me aconteceram", salienta, também.

E fruto dessa aprendizagem, "com o serviço e a vida", agora "vejo as coisas diferentes do que via quando entrei" na PSP. O uso da experiência é agora colocado ao serviço dando outro ânimo para continuar. "Sinto-me com

mais confiança", diz.

Aos mais novos, "tento ser bom exemplo", dentro do "comportamento do agente de autoridade" que tem – defende – de pautar-se pela idoneidade e como um cidadão exemplar. E lembra: "Os nossos vizinhos sabem sempre que somos polícias. Não estamos isentos de erros, mas comportamentos são comportamentos", reforça.



Os filhos e a violência doméstica

Mário Freire

Já em mais de uma crónica foi aqui tratado este problema que, cada vez mais, tem visibilidade. E esta violência, que faz títulos de primeira página, pode assumir as formas mais agressivas do homicídio e, até, do suicídio. Será que esta grande exposição da violência doméstica na comunicação social reflecte uma realidade na nossa sociedade? Os 17.786 casos identificados em 2014 pela APAV parecem, infelizmente, reflectir essa realidade.

Interrogo-me da situação dos filhos destas famílias que, não chegando a experimentar este último estágio, onde a morte de um ou de ambos os pais ocorre, assiste quase quotidianamente às suas zangas, culminando, por vezes, na agres-

são física?! Os pais se tivessem consciência dos traumas que aquele tipo de cenas provoca nos seus filhos, seriam, certamente, mais comedidos nas suas zangas, fariam mais esforços para ultrapassar as suas divergências ou, então, teriam as suas contendas em locais fora da presença dos filhos. Retiro do Gabinete Social do Atendimento à Família que "mais de três milhões de crianças presenciam, por ano, violência no seu lar." Tenho, por isso, a convicção de muita da violência que existe na sociedade é aprendida no lar. E, mais, são os pais os seus professores!

A violência que se passa dentro de portas é, em regra, assunto secreto, inclusive para os filhos. Mas, apesar disso, eles não deixam de evidenciar as consequências daqueles actos que presenciavam e, por vezes, neles também são

envolvidos. Ora, as consequências são muitas e atingem áreas fundamentais das suas personalidades e manifestam-se em vários tipos de comportamentos. Enunciaria, apenas, alguns deles: medo de abandono, sentimentos depressivos, recusa em ir à escola, comportamentos indisciplinados, baixo rendimento escolar, mentir para evitar conflitos, raiva, dificuldade em confiar nos adultos, provocadores de bullying, desapego ao lar...

A violência doméstica pode ter várias causas e, algumas delas, prendem-se com a situação difícil que algumas famílias estão a viver. Mas valeria a pena, qualquer que ela fosse, salvaguardar o mais possível os filhos dessas cenas de violência as quais os marcarão, como uma ferida que não sara, pela vida fora.



Idosos são mais vulneráveis à violência doméstica

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) revela que os casos de violência contra idosos têm vindo a aumentar. Em 2013 foram registadas 774 situações de abuso e em 2014 esse número aumentou para as 852.

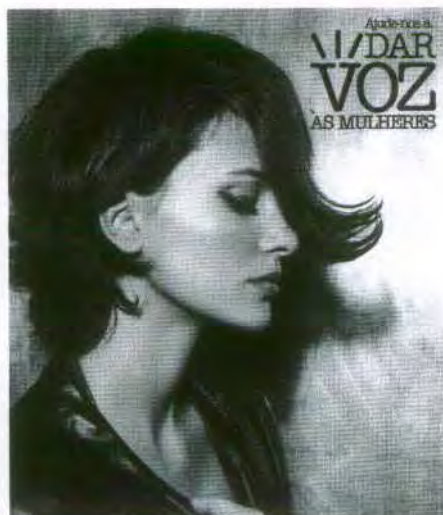
João Redondo, psiquiatra e coordenador da Unidade de Violência Familiar do Serviço de Psiquiatria do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, confirmou que, “em consequência da deterioração física e cognitiva que geralmente acompanha a velhice, é mais difícil para os idosos deixar um relacionamento abusivo ou tomar decisões corretas”. Infelizmente, muitas vezes o agressor é a única companhia da vítima.

Conforme explica João Redondo, estas situações de abuso nem sempre são fáceis de detetar, pois os próprios protagonistas escondem a situação de todos e a sociedade em geral nem sempre assume os maus tratos contra o idoso como um problema de violência. Para os profissionais também não é fácil intervir nestas situações. A violência sobre o idoso não pode ser solucionada adequadamente se as suas necessidades essenciais (alimentação, abrigo, segurança e acesso à assistência à saúde) não forem atendidas. Estas situações requerem, por isso, “uma intervenção multidisciplinar, multissetorial e em rede que, a par com a proteção e o apoio às vítimas e com a intervenção junto do agressor, promova a não-violência, com consequências nas políticas sociais e de saúde, na educação e nos valores”.

Estas situações de violência contra os idosos em contexto familiar, depois de identificadas e sinalizadas pelos cuidados de saúde primários, serviços hospitalares ou instituições de cuidados continuados, deverão incluir a participação de elementos das redes sociais de suporte (primárias e de serviços).

ALERT

Life Sciences Computing

**CAUSA SOLIDÁRIA**

Dar Voz às Mulheres é o mote da iniciativa Hair Fashion Weeks, lançada pela Jean Louis David em parceria com a Associação de Apoio à Vítima (APAV), e que decorre até 19 de abril. Em cada semana, haverá um *pack* promocional, e €2 do seu valor revertem a favor da APAV. Na última semana, o *pack* promocional será de €17 e contempla corte e *brushing*.



01-04-2015

Tiragem: 45000
País: Portugal
Period.: Mensal
Âmbito: Lazer

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 11,02 x 3,11 cm²
Corte: 1 de 1





JORGE MOYANO. A 25 de Junho o pianista dá um concerto na Sociedade de Geografia de Lisboa, cuja receita reverte a favor da APAV.

Compre já!



Gouveia: 'Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância'



Armando Leandro e Luís Tadeu durante a sessão realizada na passada quarta-feira, no Teatro-Cine.

Como o NG aqui tem vindo a noticiar, no corrente ano, a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) de Gouveia associou-se, pela primeira vez, à campanha de sensibilização 'Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância' - Mês de Abril, uma iniciativa da CPCJ Nacional, da Associação de Mulheres Contra a Violência e da Câmara Municipal de Lisboa que, desde 2008, promovem um conjunto de actividades dirigidas a toda a comunidade, alertando-a para a responsabilidade social na protecção deste grupo etário.

Neste âmbito, desde o início do mês foram já colocados diversos Laços Azuis - símbolo do Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância - em vários edifícios públicos desta cidade, de que a Câmara Municipal de Gouveia é só um exemplo.

Paralelamente, as crianças do pré-escolar (público e privado) e do 1.º ciclo estão a receber o 'Calendário de Afectos', enquanto os alunos do 2.º e 3.º ciclos e secundário recebem uma pulseira alusiva ao 'Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância'.

No seguimento destas acções, na tarde da passada quarta-feira, dia 8 de Abril, decorreu no Teatro-Cine desta cidade, a apresentação do livro 'As Aventuras do Joãozinho na Terra dos Direitos', acto que contou com o Teatro de Fantoques 'Uma Aventura na Terra dos Direitos', o momento 'Contar Histórias' e a interpretação do Hino. No final da sessão, usaram da palavra o presidente do Município de Gouveia, Luís Tadeu, e o presidente da CPCJ Nacional, Armando Leandro, responsáveis que, após as intervenções, presentearam as crianças ali presentes com exemplares do livro 'Uma Aventura na Terra dos Direitos'.

**'À conversa com... a APAV',
segunda-feira, dia 13 de Abril**

No mesmo âmbito, a CPCJ de Gouveia inicia, já no dia 13 de Abril, um ciclo de sessões de sensibilização intitulado 'À con-

versa com...'. Este ciclo é inaugurado com a Associação de Apoio à Vítima (APAV) que irá explorar as temáticas abordadas no livro, lançado recentemente pela mesma associação, intitulado 'Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir'.

A acção irá incidir sobre quatro formas de violência centrais - maus-tratos,



*Crianças e jovens vítimas de Violência:
compreender, intervir e prevenir*

13 de abril, às 16.00

Auditoria da Biblioteca Vergílio Ferreira



violência sexual, Bullying e violência no namoro - tendo como objectivo central levar os profissionais que trabalham directa ou indirectamente com crianças e jovens a reflectir sobre o diagnóstico e sinalização de situações de risco e acerca da eficácia das estratégias de intervenção. Neste sentido, a iniciativa do próximo dia 13 de Abril é dirigida a todos os profissionais de saúde (ex: enfermeiros, médicos), profissionais de educação (ex: professores, educadores de infância, assistentes operacionais) e outros profissionais (ex: psicólogos, assistentes sociais) que no exercício das suas funções contactam, de forma directa, mais ou menos próxima e regular, com crianças e jovens.



A Câmara Municipal de Gouveia é um dos edifícios públicos que, simbolicamente, ostenta o Laço Azul.



Vítimas de 'stalking' devem evitar agressor

As pessoas que se considerem vítimas de assédio persistente devem evitar confrontar o agressor, terminar qualquer contacto com essa pessoa e pedir ajuda, aconselha a APAV quando arranca mais uma campanha de sensibilização para o fenómeno.

O dia de ontem, à semelhança do que aconteceu em anos anteriores, é o escolhido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para fazer uma campanha de sensibilização para o fenómeno de 'stalking'/assédio persistente, este ano com a mensagem: "Começa com uma men-

sagem e acaba por tomar conta da sua vida".

Em declarações à agência Lusa, Manuela Santos, da APAV, explicou o que deve fazer uma vítima de 'stalking', sublinhando que é importante que quem é alvo deste tipo de comportamento tenha algumas estratégias.

"Evitar qualquer tipo de tentativa de negociação ou confrontação verbal ou física, cessar qualquer tipo de contactos, partilhar a experiência junto das pessoas mais próximas, como família ou vizinhos, e é importante avisar as autoridades", adiantou.



Violência no namoro foi debatida no Fórum da Juventude

[CMS]

A violência no namoro, problema que atingirá um em cada quatro jovens portugueses, foi debatida na terça-feira, na Escola Profissional de Setúbal, no âmbito do m@rço.28, programa promovido pela Câmara Municipal de comemoração do Mês da Juventude.

As entidades que acolhem as denúncias acreditam que os dados divulgados recentemente podem não ter uma relação directa com o aumento das agressões entre os casais, mas, sim, demonstrar um crescimento nas participações do crime, facto que consideram positivo.

Num auditório repleto de jovens, Balbina Silva, da delegação de Setúbal da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, advertiu a plateia para estar atenta a sinais de alerta. “Se vocês têm um amigo que começou a distanciar-se, que só quer estar com o namorado ou namorada ou deixou de fazer algumas actividades que habitualmente fazia, devem



tentar ajudá-lo. Qualquer pessoa pode tornar-se vítima de violência.”

Nesta 21.ª sessão plenária do Fórum da Juventude foram debatidas as várias formas de vio-

lência que o namorado/a pode exercer. As entidades presentes foram unânimes a incentivar a denúncia deste tipo de crime, “que não é novo, sempre existiu”.

Um dos dois agentes da PSP que entrevistaram no encontro alertou os jovens para o uso abusivo dos telemóveis, pois “existem várias queixas de chantagem, relacionadas com imagens captadas com recurso aos telefones, o que também constitui violência no namoro”.

João Paiva, da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, afirmou que a violência exercida sobre a mulher era, socialmente, menos condenável, porque o homem sempre teve o papel de “guerreiro” de “chefe de família”. Este crime só viu a moldura penal “modificada nos anos 70, porque, até aí, era entendido como um problema da esfera privada do casal”.

Em 2013, chegaram às autoridades 27.387 participações relacionadas com o crime de violência doméstica.



No distrito de Setúbal em 2014

APAV apoiou 500 pessoas

O Gabinete de Apoio à Víctima ajudou 558 pessoas em 2014, no distrito de Setúbal, na sua maioria, vítimas de violência doméstica, revela o relatório anual da Associação Portuguesa de Apoio à Víctima (APAV).

Além de ter dado apoio jurídico a 361 vítimas, apoio social a mais 94 e apoio emocional em 386 casos, a APAV disponibilizou informação sobre outras instituições às vítimas que pediram ajuda, ou que, de alguma forma, foram encaminhadas para a associação. De entre os 1487 crimes registados pela APAV no ano passado, há uma predominância de crimes de violência doméstica (1319), incluindo um crime de homicídio na forma tentada, sendo certo que houve outros crimes de homicídio consumados na região de Setúbal, mas em que não

houve intervenção da associação. Ainda no que respeita ao tipo de crimes de violência doméstica registados em 2014, verifica-se, segundo a APAV, um grande número de casos de maus tratos psíquicos (480), bem como de maus tratos físicos (297) e de ameaça ou coação (294).

Nos casos reportados à APAV, é também frequente haver uma relação parental entre o agressor e as vítimas, que são muitas vezes os cônjuges (27,4%) ou ex-cônjuges (6,5%), companheiros/as (15,2%) ou ex-companheiros/as (13,8%) e os próprios filhos do agressor/a (12%).

Dos 578 autores dos crimes, 87,7% eram do sexo masculino, a maioria dos quais (40,9%) com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos.

No que respeita ao perfil das vítimas, 85,7% eram do sexo feminino, de ida-

des compreendidas entre os 25 e os 44 anos (35,3%).

O relatório da APAV sobre o distrito de Setúbal refere ainda que os utentes vítimas de crime que usufruíram dos serviços da associação eram maioritariamente pessoas casadas (31,4%) ou pessoas solteiras (24,7%) e pertenciam, sobretudo, a um tipo de família nuclear com filhos em 37,5% dos casos. Além dos casos referidos pela APAV, há muitos outros em que não é requerida a intervenção da associação, a exemplo do que já se verificou nos primeiros meses de 2015. Até ao momento, segundo a associação, são já conhecidos dois casos de homicídio consumado de duas mulheres, que ocorreram no distrito de Setúbal, em situações tipificadas como violência doméstica, mas em que não houve qualquer intervenção da APAV.

Histórias da nossa revista

GRITOS, ameaças, insultos, pontapés ou socos. Agressões que, só em 2014, levaram à morte 59 pessoas, vítimas de violência doméstica. Um número que aumentou face ao ano de 2013. “É ainda uma forma de violência de género, estatisticamente atinge muito mais mulheres, cerca de 80 por cento das vítimas são do sexo feminino, mas houve um aumento do número de homens vítimas. Há uma maior consciência de que este crime não está só associado às mulheres. É uma lei sem género”, começa por dizer Daniel Cotrim, assessor técnico da direcção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

No ano passado, a APAV registou 12 379 processos de apoio com atendimentos, de entre eles foram acompanhadas 8889 vítimas directas alvo de 21 541 crimes e de outros atos violentos. Apesar do aumento de crimes relacionados com violência doméstica, o responsável olha para os números de uma “forma positiva”. “Houve algum aumento de participações, não foi muito expressivo, mas houve. O que quer dizer que temos de olhar

Casas de abrigo ajudam a reintegrar as mulheres e crianças na sociedade.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A VIDA DAS MULHERES QUE ESCAPAM À MORTE

É possível fugir de um homem violento. A APAV ajuda quem diz basta às nódoas negras, no corpo e na alma, e dá abrigo a quem corre risco de vida.

para os dados de violência doméstica de 2014, para os números, e fazer uma leitura positiva. As pessoas participam mais estes crimes e estão mais conscientes deles”, afirma.

Evitar chegar a situação de risco

Esta associação existe para ajudar todas as vítimas de violência doméstica e, principalmente, para as proteger dos seus agressores. A APAV mostra-lhes que elas não

estão sozinhas e que viver com medo não é a solução. “Passam a poder ter o estatuto de vítima de violência doméstica, que lhes dá um conjunto de direitos. Há também um conjunto de medidas de prevenção que passa pela teleassistência, pulseira eletrónica, pelo afastamento do agressor”, explica Daniel Cotrim. Para isso é preciso que digam basta e que denunciem quem lhes faz tanto mal.

Estas são as medidas de que mais ouvimos falar, mas há outra solução para quem as nódoas negras já fazem



parte do dia-a-dia: as casas de abrigo, que escondem e acompanham quem já não pode viver na sua própria casa, junto de quem um dia trocou juras de amor eterno. “São um instrumento entendido como fim de linha. Como promotor da salvaguarda final da segurança das mulheres e das crianças. Isso acontece quando o risco é de tal forma grave e severo que a própria vida da mulher ou do filho pode correr risco. Mas claro que a ida dessas pessoas para essas casas depende também

da vontade das próprias, não é obrigatório, é aconselhável.”

Há 37 casas de abrigo

O tempo estimado para estar numa casa abrigo é de seis meses, mas pode ser prorrogado pelas equipas técnicas. “Acaba por ir muito para além dos seis meses. Talvez um ano, ou ano e meio”, continua a contar o técnico. Nestes esconderijos – ao todo são 37 –, as vítimas são acompanhadas por um corpo técnico constituído por psicólogo, assistentes sociais,

juristas e técnicos de animação social, que desenvolvem “um trabalho muito específico e especializado”. “Promovem a autonomia, responsabilização e a empregabilidade de cada uma das pessoas. É um processo complicado porque estamos a falar de pessoas que na grande maioria das vezes vão de uma ponta para a outra do País. Isso significa que as crianças foram retiradas do meio escolar onde estavam, não há qualquer contacto com as famílias.” Este afastamento magoa

(continua na página seguinte)

Histórias da nossa revista

(Continuação da página anterior)

quem é obrigado a fugir e quem os vê ir embora sem poder fazer nada. "Como é obvio, o sentimento de revolta das vítimas é muito grande. São mulheres que perdem os empregos e têm de refazer a sua vida por completo. Não são raras as vezes em que elas nos dizem que 'quem está preso somos nós'. O agressor continua a ter uma vida normal, a ter a sua casa, o seu emprego, os contactos sociais." Apesar disso, Daniel Cotrim alerta: "Não se deve nunca deixar de participar o crime. O facto de participarmos os crimes, de fazermos sentir à sociedade que isto não está certo, obriga o sistema a ser repensado."

Reintegração na sociedade

As vítimas são reintegradas na procura ativa de emprego, de habitação, e muitas vezes ficam na cidade para onde fugiram. "Felizmente, já há uma série de protocolos do

CASAS DE ABRIGO dão nova esperança



Estado com municípios, há mecanismos de bolsas de habitação próprios para pessoas que foram vítimas, há pontos no centro de emprego para as vítimas", afirma Daniel, para depois acrescentar: "Mas é um processo que demora algum tempo, que é complicado. Se é difícil para nós, para estes casos é ainda mais complicado, porque estamos a falar de mulheres, e de mulheres entre os 35 e os 45 anos." Porém,

se as mães são reintegradas na sociedade, as crianças também o são. "Vão para outra escola, a própria lei prevê isso, o mesmo acontece em relação à saúde. Há ainda um processo de segurança para garantir a própria confidencialidade do encaminhamento dos processos." Quando a mulher sai da casa de abrigo, não sai sozinha. Leva consigo uma nova vida e continua a "haver uma atualização das situações por parte da equipa técnica". "Nos últimos dois anos ajudámos com algum apoio económico, sobretudo a nível alimentar." Mas quem será que paga tudo isto? "As associações são subsidiadas pela Segurança Social e gratuitas para quem foi agredida. São mantidas em total sigilo, para proteger a vítima", termina.

Texto: Ana Lúcia Sousa

HOMENS À ESPERA

As casas de abrigo, neste momento, são unicamente uma resposta para mulheres e crianças – sejam rapazes ou raparigas – até aos 18 anos. "Ainda não temos para homens, mas isso não está de todo fora do pensamento das organizações. Estatisticamente, ainda não é significativo", diz Daniel Cotrim.

ALMANAQUE
DO AVESSO

POR RICARDO J. RODRIGUES

JOÃO BONIFÁCIO



JORNALISTA DE CULTURA, comentador desportivo, adepto ferrenho do FC Porto, João Bonifácio acabou de lançar *Daqui Não Sais Viva*, um livro-reportagem que pega nos mediáticos homicídios de Manuel Palito para explicar a cumplicidade de um país inteiro com a violência doméstica. Agora, viramo-lo do avesso.

PESSOAL

Nascimento O mais importante a que assistiu foi o do filho.

Crescimento Queria ser escritor, a família imaginava-o engenheiro. Olhando para a conta bancária, diz que devia ter seguido o conselho deles.

Família A doença levou-lhe quase toda. Quanto à prole, tem esperança de que a criança seja melhor do que ele.

Jogo preferido da infância Futebol, claro.

VIDA MUNDANA

Roupa de eleição Calças de ganga e um polo (no verão).

Calçado Durante anos só usou sapatos, agora só usa ténis.

Um acessório Diz que ele próprio é acessório **Cor** Azul e branco **Gadget** Uma gazua, um bloco de notas e uma esferográfica.

MÚSICA

Banda Velvet Underground e Rolling Stones. **Maiores**

influências Fausto, John Cale, Leonard Cohen, Bob Dylan, Miles Davis, Zeca Afonso.

Melhor concerto Tom Waits em Milão, em 2008. **Um álbum** *Pet Sounds*, dos Beach Boys.

Uma voz Camané.

MESA

Restaurante favorito Buenos Aires **Prato de eleição** Ervilhas com ovos escalfados. É mais rústico que sofisticado **Um doce** Uma vez, em Alcácer do Sal, comeu um doce de gila que o ia matando de felicidade. Ficou tão tonto que saiu de lá sem saber o nome da coisa **Bebida para o dia** Água **Bebida para a noite** Costumava ser um homem de gin, mas hoje a conta bancária prefere cerveja.

LUGARES

Sítio preferido A cama **Praia** Fica entre a Costa Vicentina e o princípio do Algarve, mas não diz qual porque ainda permanece meio deserta **Cidade** Budapeste, Berlim, Nova Iorque. Quando se reformar quer voltar a Aveiro **Viagem de sonho** Não há nenhum sítio do mundo que não seja interessante **Um hotel** Já fica contente se pagar a renda **Um bar** Bicaense **Uma loja** A mercearia do bairro.

ARTES

Filme *A Desaparecida*, de John Ford, *A Semente do Mal*, de Orson Welles, e *Detour*, de Edgar G. Ulmer **Livro** *Sonata a Kreutzer*, de Tolstoi, *Sartoris*, de Faulkner, *A Cidade e os Cães*, de Vargas Llosa **Ator** Clint Eastwood **Atriz** Rita Hayworth, Maureen O'Hara

e Vanda Duarte **Humorista**

Larry David e Louis CK **Pintura** Tem uma queda pelos impressionistas, mas não diz que não a um bom pontilhismo e acha deselegante recusar um pouco de surrealismo **Arquitetura** Teve uma fase em que sentiu fascínio pelo funcionalismo.

DESPORTO

Um clube FCP, «claro» **Um jogador** Deco ou Zidane. No basquetebol, Kobe Bryant **Clube estrangeiro** Tem simpatia pelo Tottenham e tem antipatia por todos os clubes italianos, em particular a Juventus **Outra modalidade** Nasceu em Ovar, por isso é doido por basquetebol.

MEDIA

Jornal Público e DN. E diz que isso não é dar graxa nenhuma a quem lhe paga e a quem está agora a responder. *The Guardian* e *The New York Times*, acrescenta, «também são engraçados» **Revista** *New Yorker* **Rádio** TSF para as notícias, Radar para a música, e uma série de podcasts estrangeiros **Canal televisivo** Sic Notícias **Redes sociais** Pratica. Viciar-se-ia, se tivesse tempo **Série** Fica sempre indeciso entre o *Seinfeld*, os *Sopranos* e o *Wire*.

CIDADANIA

Político português Mariano Gago. Também já teve admiração pelo Mário Soares **Referência internacional** Robert Trivers, biólogo genial **Uma organização** APAV **Quem merece um Nobel da Paz** «A mãe do meu puto. Todas as mães, na realidade.»

PAULO ALEXANDRINO/GLOBAL IMAGENS





APAV na abertura do ciclo 'À conversa com...', em Gouveia

No seguimento da sua adesão à campanha de sensibilização 'Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância' - Mês de Abril, a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) de Gouveia promoveu, na tarde de 13 de Abril, mais uma iniciativa, que decorreu no auditório da Biblioteca Municipal Vergílio Ferreira. Neste caso, tratou-se do arranque de um ciclo de sessões de sensibilização intitulado 'À conversa com...'. Este ciclo foi inaugurado com a Associação de Apoio à Vítima (APAV), ali representada por Natália Cardoso, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra, e que veio a Gouveia fazer uma intervenção baseada naquilo que é o 'Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir', editado pela própria APAV, em 2011, e recentemente reeditado por outra entidade.

No início da sua intervenção, Natália Cardoso fez uma apresentação e contextualização da APAV, associação que está a festejar o seu 25.º Aniversário, e que surgiu em Junho de 1990, "assente em alguns pilares fundamentais como: o apoio à vítima de crime é acção necessária e fundamental para o equilíbrio da comunidade e para a pacificação social; cada vítima deve ser tratada de forma individualizada, já que a sua reacção ao crime e posterior reconstrução vivencial é muito variável e pessoal; os serviços devem ser gratuitos; e o acesso aos serviços e a qualidade de resposta deve pautar-se pelo princípio da igualdade, não havendo lugar para qualquer forma de discriminação".

Assim e como destacou Natália Cardoso, a APAV empenha-se em que "todas as pessoas que são afectadas por um crime possam ter acesso a serviços de apoio gratuitos, confidenciais e de qualidade".

A mesma responsável fez depois uma abordagem aos diferentes tipos de violência de doméstica, como sejam a violência conjugal, no namoro, contra crianças ou pessoas idosas, contra pessoas dependentes ou portadoras de deficiência. "Depois há outras vítimas



Natália Cardoso, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra, com Laura Costa, presidente da CPCJ de Gouveia.

vulneráveis, como as vítimas de violência sexual, de crimes patrimoniais, ou de bullying", acrescentou.

No seguimento da sua intervenção Natália Cardoso centrou-se naquilo que são os maus-tratos a crianças e jovens destacando algumas das indicações que o 'Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir' dá a esse respeito.

Falando para um público maioritariamente composto por profissionais de saúde, educação e acção social, alguns dos quais membros de CPCJ's, aquela responsável da APAV detalhou aquilo que deve ser "o processo de apoio à vítima", criança ou jovem, salientando que esse apoio deve ser "emocional, jurídico, psicológico e social". A formação dos profissionais que têm lidar com este tipo de situações foi outro dos aspectos salientado por Natália Cardoso que sublinhou a importância de "se pensar sempre no superior interesse da criança ou jovem", salvaguardando a sua "privacidade".

Apelando à "colaboração entre entidades", em detrimento daquilo a que chamou "empurroterapia", Natália Cardoso dedicou a segunda parte da sua intervenção à questão da prevenção e à importância de esta ser "ajustada aos diferentes casos".

No período de intervenções do público foram colocadas diversas questões, com Laura Costa, presidente da CPCJ, a lamentar o "receio da denúncia dos diferentes casos de violência, mais sentido nos meios pequenos".

No final da sessão, Natália Cardoso reafirmou que as eventuais respostas para algumas das questões ali abordadas podem ser encontradas no 'Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir', disponível na página da APAV na internet.

Terminava assim a primeira sessão do ciclo 'À conversa com...', iniciativa promovida pela CPCJ de Gouveia no âmbito do 'Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância' - Mês de Abril. No mesmo contexto, e como o NG já aqui noticiou, têm sido colocados Laços Azuis - símbolo do Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância - em vários edifícios públicos da cidade. Paralelamente, as crianças do pré-escolar (público e privado) e do 1.º ciclo estão a receber o 'Calendário de Afectos', enquanto os alunos do 2.º e 3.º ciclos e secundário recebem uma pulseira alusiva ao 'Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância'.



Jovens setubalenses assinam moção contra violência entre casais

Uma moção aprovada na última sessão plenária do Fórum da Juventude de Setúbal reforça o repúdio dos jovens setubalenses a qualquer acto de violência manifestado entre casais.

A 21.ª sessão plenária do Fórum da Juventude, realizada na Escola Profissional de Setúbal, foi dedicada ao tema “Violência no Namoro | Violência Doméstica” e contou com as participações de representantes da APAV – Associação de Apoio à Vítima, da PSP, da CIG – Co-

missão para a Cidadania e Igualdade de Género e do Grupo para Implementação do Plano de Igualdade de Género no Centro Hospitalar de Setúbal.

O texto começa por afirmar que os jovens presentes na sessão plenária “condenam todo o tipo de violência em qualquer tipo

de relação”.

A moção alerta que “a violência no namoro e a violência doméstica são um problema que afecta ainda um grande número de jovens”, para advertir que “o silêncio que ainda existe em torno destas relações tóxicas e destrutivas tem de ser quebrado”.

O Fórum condena atitudes como perseguição, chantagem, controlo, ameaça, maus-tratos, intimidação, humilhação e insultos, as quais, sublinha na redacção aprovada na sessão plenária, “não podem ser romantizadas e entendidas como expressões de amor”.

A moção apela à denúncia dos crimes relacionados com violência nas relações, bem como à criação de centros especializados de apoio às vítimas e à realização de mais campanhas de sensibilização junto dos jovens contra a violência no namoro e a violência doméstica.

O Fórum da Juventude de Setúbal, organismo criado pela autarquia que reúne anualmente no âmbito do m@rço.28, programa que assinala o Mês da Juventude, é um espaço de debate e troca de experiências, no qual participam diversas associações e entidades do concelho.



PGR quer que pedófilos possam pedir a um juiz que nome saia da lista

Parlamento. Base de dados de condenados por abusos sexuais de menores é hoje discutida na Assembleia e aprovada amanhã

FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA
e JOÃO PEDRO HENRIQUES

A Procuradora-Geral da República quer que os condenados por crimes sexuais de menores – cujos nomes venham a constar da base de dados de pedófilos criada pelo governo – possam pedir a um juiz que sejam retirados. E acrescenta que, caso o magistrado recuse, essa decisão pode vir a ser alvo de recurso num tribunal superior.

A intenção consta do parecer do gabinete de Joana Marques Vidal, entregue há poucos dias no Parlamento. Hoje, os deputados discutem em plenário o já polémico sistema de registo de identificação criminal de condenados por crimes contra a autodeterminação sexual de menores. O governo quer que os dados pessoais de todos os abusadores de menores condenados constem de um registo durante o prazo máximo de 20 anos e que seja acessível a magistrados, polícias, comissão de menores e pais de menores de

16 anos que tenham “um fundado receio” pelos seus filhos.

Naquele que já é o segundo parecer do gabinete de Joana Marques Vidal – o primeiro data de outubro e este já de abril – constam, mais uma vez, algumas dúvidas quanto à constitucionalidade do diploma: estará em causa uma clara violação dos direitos fundamentais destes condenados e que levará a “um isolamento social grave do condenado e que o irá impossibilitar de viver em sociedade”.

Por isso, a titular da investigação criminal – cuja carreira tem passado nos tribunais de família e menores, além de ter sido presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – defende que se retire a possibilidade de os pais acederem a esta informação, ficando esta apenas disponível para as entidades judiciais e as comissões de menores. Mais: prevê que esses mesmos condenados possam pedir a um juiz, “de forma fundamentada, que o seu nome seja retirado do registo por deixar de ser necessário para a proteção dos

DIPLOMA

NOMES DE CONDENADOS

» O governo quer uma lista com os nomes dos condenados por abusos sexuais de menores durante 20 anos e que seja acessível a magistrados, às comissões de Proteção de Menores e aos pais desde que “haja fundado receio” em relação a um indivíduo.

AVISOS

» O diploma prevê que todos estes condenados com pena já cumprida por crimes sexuais de menores terão de avisar as autoridades quando se ausentem de casa mais do que cinco dias ou quando mudem de residência.

DADOS

» Informações como nome, morada, filiação, número de contribuinte, da Segurança Social ou do Cartão de Cidadão, quantos crimes cometeu e qual a pena vão constar da base de dados.

menores”. Proposta que poderá ser incluída, caso a ministra da Justiça aceite, na altura da discussão na especialidade na Assembleia da República em que estes contributos poderão ser levados em conta. Ou seja: o magistrado poderá fazer uma reavaliação da situação nos casos em que, por exemplo, a vítima já seja maior de idade, já tenha decorrido algum tempo desde a última condenação do agressor, tenha havido alteração da personalidade atual do agressor ou mesmo do seu estado de saúde. Proposta que o gabinete de Joana Marques Vidal fundamenta com exemplos seguidos pelo Supremo Tribunal de Justiça britânico ou pelos tribunais franceses.

Disciplina de voto

O PSD votará naturalmente a favor da proposta do governo – e com disciplina de voto. A ministra da Justiça tem na coordenadora dos deputados do PSD na Comissão de Assuntos Constitucionais, Teresa Leal Coelho, uma grande apoiante (nesta e noutras matérias, como a da criminalização do enriquecimento ilícito).

O CDS também acompanhará o voto favorável da bancada do PSD – mas está em ponderação uma declaração de voto da bancada. Não para dizer que vota contrariado em nome da coesão da coligação com o PSD, mas para dizer que uma solução destas só é mesmo admissível exceionalmente, pelo tipo de crime em causa, pela vulnerabilidade das vítimas e pelo alarme social que causa.

Hoje, o plenário discutirá também articulados do PS e do PCP sobre esta matéria. No caso do projeto socialista – que visa, tal como o do governo, transpor para o direito português as recomendações da Convenção de Lanzarote (convenção do Conselho da Europa para a proteção das crianças contra a exploração sexual e os abusos sexuais) –, passa a ser crime assistir a espetáculos pornográficos com menores. Defende-se, por outro lado, que é punível a mera tentativa nos crimes relativos a “abuso sexual de menores dependentes” e a “atos sexuais com adolescentes”.

Já o PCP defende a aprovação de uma “Estratégia Nacional para a Proteção das Crianças contra a Exploração Sexual e os Abusos Sexuais” que inclua uma “Unidade de Monitorização”, liderada por alguém indicado por quem for PGR, que implemente um “combate eficaz e multidisciplinar a este flagelo”. A “Estratégia Nacional” seria, de

PS agrava crimes e PCP propõe “Estratégia Nacional”

acordo com o projeto do PCP, “definida, coordenada e desenvolvida sob tutela do Ministério da Justiça”, o qual teria de “garantir os meios físicos, humanos e materiais necessários à sua implementação”, atribuindo-lhe também “as correspondentes dotações orçamentais”. “É urgente a criação de novos mecanismos de ação e prevenção, mecanizando esses que protejam, efetivamente, as vítimas mais vulneráveis, evitando a revitimização, muitas vezes promovida pelas políticas económicas e sociais existentes”, diz o PCP.

Bem me quer MAL ME QUER

Vivias um conto de fadas e o vosso amor era perfeito, até que um dia ele te agrediu e achou que a violência devia fazer parte do relacionamento. Mas será que quem ama também bate?

POR CATARINA CRUZ

“Apertou-me o pescoço e deu-me uma tarefa.”

“A violência doméstica começou após dois meses de vida em conjunto. Primeiro foi violência psicológica. Isolou-me dos meus amigos e família e controlava os meus movimentos. A primeira agressão física que sofri foi quando estava grávida do meu primeiro

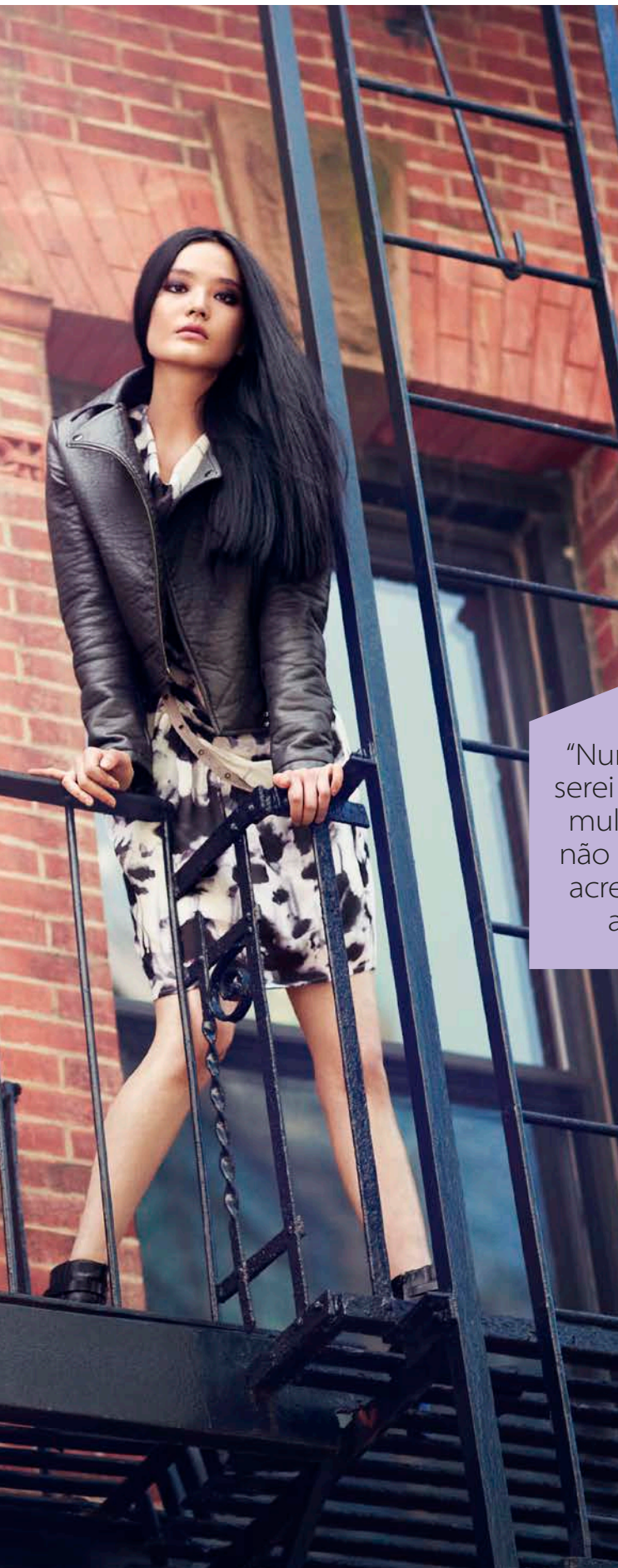
filho. Eu sabia que ele bebia café depois do trabalho, mas naquele dia não havia e por isso fui comprar. Quando regressou do trabalho encontrou-me na rua, deitou-me no chão e deu-me pontapés na barriga. Não tive cuidados médicos, porque ele não deixou. Só mais tarde tive uma consulta com a ajuda de familiares e sem ele saber. Foi a única vez que consegui ir ao médico durante a gravidez, ele não queria que me despesse à frente de outros homens. Não houve mais violência física, mas a psicológica continuou. Ele queria que me vestisse mal e deixei de perceber quem era realmente, os meus desejos e ambições. Chamava-me ‘escrava’ e controlava o

dinheiro. Quando deixei de trabalhar por causa da segunda gravidez, estive sem comer alguns dias por falta de dinheiro e senti-me mal. Tive a ajuda de uma bombeira que me levou ao hospital, onde conheci uma enfermeira que me ajudou. No meio de uma agressão, ele fugiu com o meu filho e ameaçou matá-lo. Quando percebi que era capaz de o fazer, falei com essa enfermeira, que avisou a polícia. Nesta altura fui para uma casa de abrigo, mas ele continuou a

perseguir-me. Encontrou-me na rua, agarrou-se ao meu filho, apertou-me o pescoço e deu-me uma tarefa. Mudei-me para outra casa de abrigo por razões de segurança. Esta minha experiência ensinou-me que não vale a pena arriscar a vida por um homem. Hoje sou uma mulher diferente, mais desconfiada e atenta. Valorizem-se e peçam ajuda, porque existem associações que podem ajudar, como a Associação de Mulheres Contra a Violência. E não tenham medo de ir para uma casa de abrigo: é temporário, dá-nos tranquilidade e ajuda-nos a organizar a vida. É o início de uma viagem para a nossa liberdade e dignidade.”

– Joana R., 31 anos

“Valorizem-se e peçam ajuda, porque existem associações que podem fazê-lo.”



“Apertou violentamente os meus braços, abanando-me até deixar marcas.”

“Conheci o ‘Gonçalo’ no local de trabalho e sempre se mostrou simpático. Como tal, não era difícil gostar de alguém assim, e foi exatamente isso que aconteceu: apaixonei-me. Começámos a namorar e sempre se mostrou controlador, ciumento, desconfiado e possessivo, mas pensei que era ‘amor’, medo de me perder. Deixei de dar um

passo sem ele. Aos poucos, conseguiu controlar o mundo à minha volta. Decidimos viver juntos e tinha esperança que ele percebesse que

“Nunca mais serei a mesma mulher, mas não deixei de acreditar no amor.”

não existia motivo para tantos ciúmes. Mas não foi isso que aconteceu. A primeira agressão foi na primeira semana a morarmos juntos. Apertou violentamente os meus braços, abanando-me até deixar marcas. Tudo isto misturado com álcool e dívidas de jogo, que só mais tarde vim a descobrir. Após a primeira agressão, surgiram muitas mais durante sete meses, seguidas de pedidos de desculpa, flores e juras de amor. Ganhei coragem e saí de casa durante uma semana. Mas a sensação de alívio durou pouco.

Ele perseguia-me e ameaçava-me. Acabei por voltar para quem dizia que me matava. Ele acalmou durante alguns dias e eu sentia que preparava de forma metódica a minha morte. As agressões ficaram mais refinadas, o controlo social tornou-se maior e deixei de conviver com a minha família. Uma vez, recusei ficar em casa a fazer-lhe companhia e ele empurrou-me para a cama, colocou-se em cima de mim e apertou-me o pescoço. Pensei que seria o fim. No início de 2014 aproveitei que ele estava a trabalhar e pedi que fossem comigo a casa buscar as minhas coisas. Voltei para junto dos meus pais e contei apenas que a relação não estava a funcionar. Ele ligava-me mais de 300 vezes e mandava mais de 100 SMS's por dia. Em desespero, liguei para a APAV e pedi ajuda a uma prima que foi comigo à PSP. Sei que não sou nem nunca mais serei a mesma mulher, mas não deixei de acreditar no amor. Estou mais atenta aos comportamentos e atitudes dos outros, mais cautelosa e desconfiada. Aprendi que a violência não acontece só aos outros e que não devemos ter vergonha de pedir ajuda. Tenham coragem, porque é possível parar o sofrimento. A vida vale sempre a pena.”

– Sofia S., 35 anos

“Pedi que saísse de casa. Foi nessa altura que me agrediu brutalmente.”

“As primeiras situações terão ocorrido, talvez, um ou dois anos após o casamento, mas foram sendo progressivamente mais frequentes e nos últimos anos mais intensas. Nada de especial ocorreu para as despoletar. Os sentimentos foram de tristeza e desapontamento. Sentia amor, mas este sentimento foi dando lugar a um afastamento emocional. Ainda assim nunca deixei de sentir afeição. Apesar dos momentos de agressividade, pensava existir também algum respeito e afeição da parte dele. Pensava sempre que esse comportamento se devia à agressividade a que tinha sido sujeito na infância, por parte do pai que era muito violento para com a mulher e os filhos. Quando as coisas pioraram, pensei que era uma fase, mas mais tarde contactou uma antiga namorada e começou a cortejá-la. Decidi

finalmente divorciar-me e pedi que saísse de casa. Foi nessa altura que me agrediu brutalmente. Nunca contei a ninguém a agressividade verbal a que era sujeita. À agressão física seguiu-se o meu internamento e a prisão preventiva dele. Procurei apoio junto de uma instituição que me ajudou a pedir ao tribunal para ser avisada se fosse libertado. Mais tarde, passado cerca de um ano, pedi apoio psicológico à APAV. Tratei do divórcio durante o seu tempo de prisão. Ele foi ficando mais lúcido, pediu-me perdão e acedeu ao divórcio. Desta experiência tiro uma lição de vida e aprendi que devo ser um pilar de amor e estabilidade para a minha filha. Não tolerem nem arranjem desculpas para qualquer falta de respeito. Não persistam numa relação em que não se sentem amadas, respeitadas e apoiadas.”

– Clara F., 34 anos

TIPOS DE VIOLÊNCIA

Violência emocional:

ameaças ou humilhações que contribuam para que o outro sinta medo;

Violência social: controlo da vida social, impedindo que se visite a família e amigos, cortando o telefone ou trancando o outro em casa;

Violência física: esmurrar, pontapear, estrangular, impedir que se obtenha medicação ou tratamentos;

Violência sexual: forçar a companhia a ter relações sexuais;

Violência financeira: controlo de dinheiro;

Perseguição: intimidar ou assustar o outro.



Marcas que não se apagam

Existe um conjunto de consequências que se manifestam após o período de vitimação:

Consequências físicas

- ◆ Perda de energia;
- ◆ Dores musculares ou de cabeça;
- ◆ Distúrbios ao nível da menstruação;
- ◆ Arrepios ou afrontamentos;
- ◆ Problemas digestivos;
- ◆ Tensão arterial elevada.

Consequências psicológicas

- ◆ Dificuldades de concentração, de memória e em adormecer;
- ◆ Pesadelos;
- ◆ Tristeza;
- ◆ Desconfiança face aos outros;
- ◆ Diminuição da autoconfiança.

Mulher: alvo fácil?

A violência doméstica é cada vez mais uma realidade na vida de muitos casais. Entra de forma silenciosa e sem permissão, destrói-nos e levanta dúvidas sobre os comportamentos que alimentam as agressões. O que estamos a fazer de errado? De que forma podemos agradar à nossa cara-metade? Mas esta linha de pensamento não é a mais correta e os números são assustadores. Em média, no nosso país, têm morrido por ano entre 30 e 35 mulheres vítimas de maus tratos por parte dos companheiros. No primeiro semestre de 2014, as autoridades receberam cerca de 13 mil participações, mais 2,3 por cento do que no mesmo período, em 2013. Estatisticamente, a violência contra o sexo feminino é superior.

Este tipo de agressões físicas e psicológicas não escolhe estatutos, idade, religião, estado civil ou grupo étnico. A violência doméstica envolve todo o tipo de agressões explícitas ou não, praticadas dentro de casa ou no âmbito familiar. Mariagrazia Marini, psicóloga, afirma que “existem casos só de violência psicológica, mas a física é geralmente acompanhada por violência psicológica com ameaças e violência económica.” Mas qual o tipo de violência mais difícil de suportar? “A psicológica e emocional causa problemas gravíssimos. Um comentário depreciativo é o suficiente para agredir a autoestima. Gestos e palavras agressivas transformam uma mulher num ser humano dependente e sem forças para ver a realidade que a cerca e perceber que pode ter um relacionamento feliz, já que o contexto de sofrimento se torna um padrão. As manifestações físicas de violência

podem deixar sequelas para toda a vida, com limitações, traumatismos e deficiências físicas”, avança a especialista. A violência doméstica funciona como uma espécie de ciclo vicioso, em que Mariagrazia Marini destaca três fases: “a primeira baseia-se num aumento de tensão, onde as injúrias e as ameaças tecidas pelo agressor criam na vítima uma sensação de perigo eminente; segue-se um ataque violento, em que o agressor maltrata física e psicologicamente a vítima; e finalmente a lua-de-mel, onde o agressor envolve a vítima de carinho e atenção, desculpando-se pelas agressões e prometendo mudar.”

Passividade como resposta

São vários os casos de violência doméstica que estão associados a dependências, pois tanto o consumo de álcool como de substâncias ilícitas pode tornar uma pessoa mais irritável e agressiva, especialmente em crises de abstinência. E nestes casos uma denúncia pode ser ainda mais difícil, já

que o agressor apresenta um comportamento normal enquanto está sóbrio. “Muitas mulheres costumam sofrer caladas com as agressões e têm dificuldade em denunciar a agressão, não só pela vergonha, mas principalmente por medo do agressor, dependência financeira, preocupação com os filhos, perceção de que nada acontece com o agressor se for denunciado e acreditar que seria a última vez”, esclarece a psicóloga. Por outro lado, existem casos em que as mulheres optam pelo silêncio por acharem que são merecedoras das agressões, não as considerando crime, e dando sinais evidentes de baixa autoestima, submissão, vergonha e frustração. Existem múltiplas razões para que uma vítima se mantenha numa relação violenta: têm esperança que a situação se resolva; desejam continuar a investir na relação; não querem deixar a casa, os pertences e filhos; receiam o comportamento do agressor se abandonarem a relação; estão dependentes economicamente; sentem vergonha que os outros descubram ou sentem-se incapazes de enfrentar uma rutura.

Liberta-te

Não te convenças que ele te ama e que irá modificar o seu comportamento. Esta ideia é errada! Mariagrazia Marini defende que “não devemos confundir amor com dependência. No amor não existe agressão física, humilhação e violência. Amor é união, respeito e carinho. É preciso respeito pelas

mulheres e acima de tudo que as pessoas comecem a entender que os direitos das mulheres precisam de ser respeitados.” Se vives com o agressor, planeia a tua segurança e não guardes os objetos que possam ser usados como armas num local acessível; tem sempre contigo algum dinheiro e o telemóvel; e fixa todos os números telefónicos

importantes. Sê cautelosa, termina o relacionamento, apresenta queixa e investe na tua autoestima e felicidade. É igualmente importante que não permitas que as experiências passadas constituam um obstáculo para o início de um novo relacionamento amoroso. Um importante passo é partilhar com o teu novo companheiro tudo aquilo que enfrentaste. ■

Se tens uma história de vida que queiras partilhar connosco, escreve-nos para: cosmopolitan@gjportugal.pt



Prémio APAV para a Investigação 2015

Publicado dia 4/04/2015 às 03:49

O Prémio APAV para a Investigação destina-se a premiar trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV): “Apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima”.

Leia o artigo original: **Prémio APAV para a Investigação 2015**

fonte:  apav.pt

APAV lança campanha de sensibilização sobre o *stalking*

MARIANA DIAS 17/04/2013 - 19:16

Novo sítio de Internet e brochura lançados a pretexto do Dia Nacional de Sensibilização para o fenómeno de assédio persistente, que se assinala amanhã.



As mulheres em idade jovem são o grupo mais vulnerável a este tipo de assédio MIGUEL MADEIRA

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lançou nesta quarta-feira a campanha "Levar o Stalking/Assédio Persistente a sério", que tem como objectivo sensibilizar os portugueses para esta forma de violência. Para o efeito, a associação disponibiliza, a partir de hoje, um *site* e uma brochura com informação sobre o fenómeno.

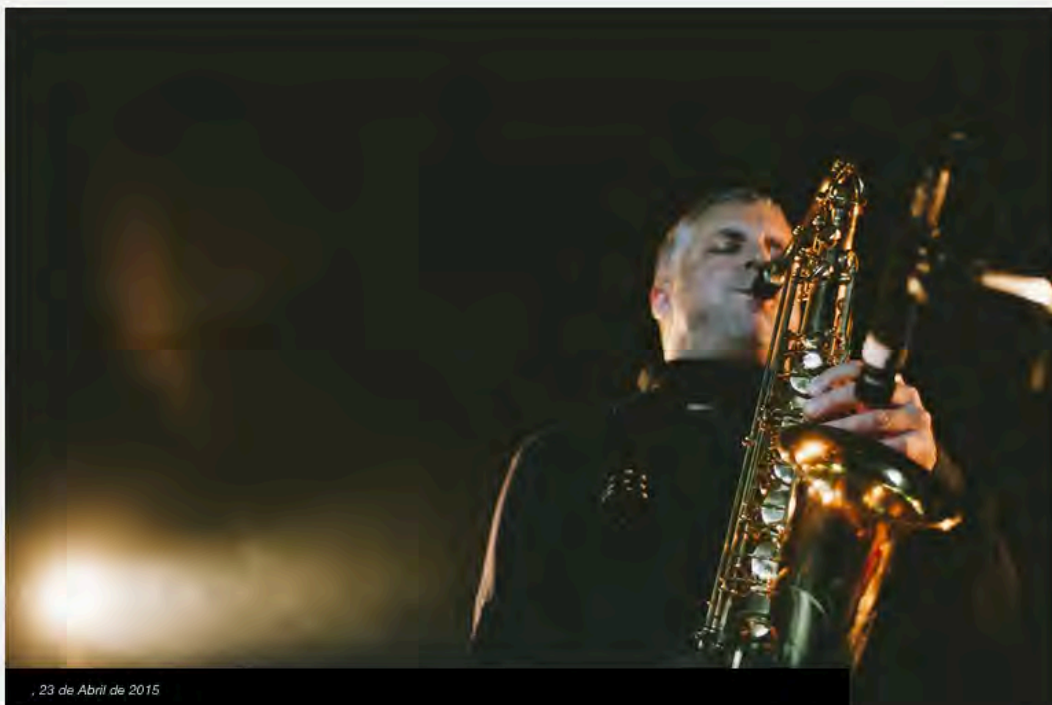
O *stalking* (assédio persistente) traduz-se numa forma de violência na qual uma pessoa impõe sobre outra uma série de comportamentos de assédio indesejados ou intrusivos, de forma insistente.

"O site, bem como esta brochura, oferecem informação a vítimas ou potenciais vítimas de *stalking*, uma forma de vitimação que não é reconhecida em Portugal como crime", explica Mafalda Valério, da APAV. A informação foca qual o perfil das vítimas, dos agressores e contém ainda algumas estratégias de acção para pessoas que acreditem estar a ser alvo deste tipo de agressão.

As mulheres em idade jovem são o grupo mais vulnerável a este tipo de assédio. No entanto, a associação frisa que qualquer pessoa pode ser vítima. Ao contrário da crença comum, os agressores são maioritariamente conhecidos da vítima: podem ser colegas, amigos, ex-parceiros ou vizinhos.

O assédio persistente pode assumir várias proporções. Os casos mais comuns são os mais subtis e de cortejo da vítima, que se desenrolam pelo contacto repetido, recolha de informação e tentativas sucessivas de aproximação física. Em casos mais extremos e menos recorrentes, o agressor pode mesmo recorrer a ameaças ou comportamentos de intimidação que poderão depois originar agressões e tentativas de homicídio.

"Este é um tipo de vitimação que tem normalmente um crescendo, um agravamento ao longo do tempo", explica a responsável da APAV.



, 23 de Abril de 2015

APAV no Hot Clube

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) vai ao Hot Clube a 20 de Maio próximo para comemorar os seus 25 anos de existência com dois concertos de jazz solidário.

O primeiro estará a cargo de uma formação em estreia, Hakken, que junta os músicos João Hasselberg (baixo eléctrico), João Firmino (guitarra eléctrica) e João Pereira (bateria) e que tem a particularidade de todos eles cantarem. O segundo será protagonizado por um novo trio ainda com poucas apresentações públicas, o do saxofonista Rodrigo Amado (fotografado em cima por Vera Marmelo) com Miguel Mira em violoncelo e João Lencastre na bateria.

As receitas de bilheteira revertem inteiramente para a causa a que a APAV se vem dedicando: a protecção das vítimas de violência doméstica. De notar que esta organiza normalmente actuações de jazz e música improvisada nas suas instalações, por ela tendo já passado muitas das movimentações da cena de Lisboa.

Destaques | 18-04-2015

Caminhada Solidária

PSP assinala 132 anos

No âmbito das comemorações do 132.º aniversário do Comando Distrital da PSP de Vila Real, que se celebra a 21 de Abril de 2015, a PSP vai organizar a 1.ª edição da "Caminhada Solidária PSP/APAV" amanhã, domingo a partir das 9.

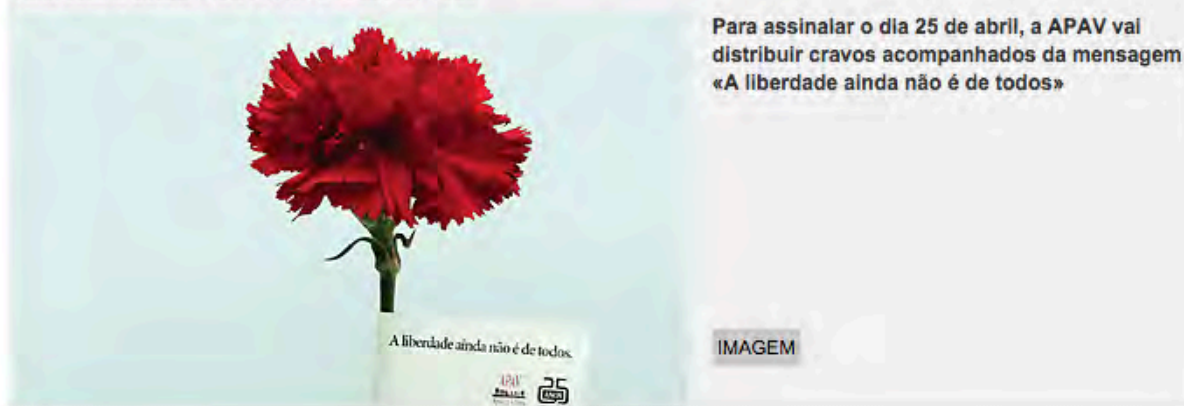
Esta caminhada tem fins solidários, através da recolha de alimentos (entrega um produto alimentar não perecível (Ex. arroz, açúcar, massa, etc..) nas instalações da APAV de Vila Real)

O percurso da caminhada desenrolar-se-á nos principais arruamentos da cidade de Vila Real, com partida na Praça do Município (Av. Carvalho Araújo), pelas 09H00.

A caminhada será destinada a todas as classes etárias e sem fins competitivos.

«Liberdade ainda não é de todos»

Texto Juliana Batista | Foto APAV | 24/04/2015 | 16:28



A+ A-

ENVIAR IMPRIMIR COMENTAR PARTILHAR

PORTUGAL ANTERIOR SEGUINTE

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) vai comemorar o 41.º aniversário da revolução de 25 de abril de 1974, marcando presença no desfile na Avenida da Liberdade, em Lisboa, distribuindo cravos (a flor que é símbolo da liberdade) acompanhados da mensagem «A liberdade ainda não é de todos». Além disso, foi ainda desenvolvido um cartaz que tem presente a mesma mensagem.

«Apesar do atual regime político democrático em que vivemos, quem é vítima de crime não usufrui da liberdade plena a que tem direito. É, assim, importante continuarmos a apoiar todos aqueles que são vítimas de crime (de todos os crimes), garantindo os seus direitos, de modo a que possam ultrapassar a vitimação», referem os responsáveis pela associação, em comunicado.

“These are the rules”: uma projecção em associação com a APAV



A APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima associa-se ao IndieLisboa para a projecção de *These Are the Rules*, um filme que nos conta a história de uma família atingida por um caso de violência dentro dos muros de uma escola. Premiado com a distinção de Melhor Interpretação Masculina no Festival de Veneza de 2014, o mais recente filme do realizador croata Ognjen Sviličić reflecte, para além do seu valor artístico, uma consciência de valores e um trabalho que é partilhado entre o festival e a APAV, que celebra, este ano, o seu 25.º aniversário: o retrato de situações escondidas, na nossa sociedade, que incentivam a formação da consciência social e humana de espectadores e cidadãos.




Fique atento ao correio; APAV lança «catálogo» para sensibilização sobre violência doméstica



 Like 72

 Tweetar 0

 g+1 0

 in Share

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lança esta quinta-feira uma campanha de sensibilização contra a violência doméstica. A campanha de alerta, desenvolvida pela agência FCB Lisboa, vai chegar por correio a alguns lares portugueses em forma de catálogo.



SOCIEDADE

O catálogo da violência doméstica

Campanha de sensibilização contra a violência doméstica da APAV apresenta números da violência em Portugal

A APAV lançou uma campanha de sensibilização contra a violência doméstica que vai chegar por correio a alguns lares portugueses em forma de catálogo.

Parecido com o típico catálogo da IKEA, o 'catálogo' "Home" da APAV parece, à primeira vista, igual a um álbum de móveis para venda. No entanto, a realidade salta à vista enquanto se folheia o catálogo que quer acordar consciências.



O catálogo inclui histórias verdadeiras, traduzidas em estatísticas da violência praticada em ambiente doméstico no nosso país em 2014. Em comunicado, a associação relembra que a violência doméstica é um problema transversal: afecta sobretudo mulheres, mas também homens, crianças, pessoas idosas.